



Chrystello\*

## O que é a Lusofonia - Parte 4 (I)

### 20 anos de colóquios de 2002 - 2022

Os transmontanos (como eu que sou de lá sem lá ter nascido) sempre tiveram atração peculiar pelo Brasil. A minha avó paterna lá nasceu. O bisavô materno transmontano lá ia ficando para sempre. Pode ser do clima, ou das hormonas. Dizem que as brasileiras são mais dadas, desinibidas ou desavergonhadas e têm mais «je ne sais quoi». Nunca descobri se era verdade. Este grupo, que ia a terras de Vera Cruz, levava na bagagem excesso de livros e de intelecto. Teria ponderado as belezas naturais, mas o que os movia, encafuados na caixa de metal a 11 km de altitude por nove claustrofóbicas horas, nada tinha a ver com a beleza das brasileiras, naturais ou outras, com hormonas ou sem elas. Dizem que o Brasil é a terra da farra e tudo serve de desculpa para a folia. A gente é toda de festa e pouca de assuntos sérios, mas eram estes que nos levavam a atravessar o Grande Mar. Para muitos, era o batismo do continente sul-americano, para outros, mera revisitação. A terra é grande, sem fim à vista, povoada por mesclas de gentes diferentes com sotaques variados e sangue de muitas etnias.

Rumámos a Brasília, a quarta maior cidade (2009, pop. 2,6 milhões). o segundo maior PIB per capita (40 mil reais). muito arrumadinha em setores idênticos, capital centenária que marca a era do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (12 setº 1902-22 ago 1976) médico, militar e político. Foi o início da carreira do Arqt.º Oscar Niemeyer, então vivo e lúcido, 103 anos (faleceu 5/12/12). Uma cidade artificial no planalto do estado de Goiás, a lembrar a Camberra australiana, outra capital artificial, bem ordenada, limpa e metódica. Em ambas faltava o calor e a vida humana das grandes cidades desordenadas e caóticas. Inaugurada em 21 abril 1960, Brasília é a terceira capital, após Salvador e Rio de Janeiro. O Plano Piloto elaborado pelo urbanista Lúcio Costa, 1957, aproveitou o relevo, e adequou-o ao projeto do lago Paranoá, concebido em 1893. Uma cidade quente nessa manhã 30 °C às 06.30. As temperaturas baixavam, um pouco, de noite, mas de dia acima dos 30 no final de março.

O primeiro percalço foi a «van» não estar à espera no aeroporto. Espera aproveitada para descobrir o intrincado sistema de multibanco. Nem todos permitiam levantamentos de cartões estrangeiros e só em prestações até 300 reais (120 €) sem se saber porquê. Tivemos o apoio dum membro da Conferência Internacional sobre o Futuro da Língua Portuguesa, CPLP. Depois, metemos pés à jornada, que é como quem diz, arranjam transportes para a comitiva de dez pessoas e 50 peças de bagagem. O calor apertava e o trânsito também. No Hotel, só dois quartos vagos. A acomodação ia, devagarosamente, vagando. Era meio-dia quando nos instalamos. Refrescados, fomos cuidar do estômago sem uma refeição digna há 24 horas, e conhecer a capital após a refeição a quilo.

Um circuito de quatro horas na qual se constatou que as crianças das escolas vão a Museus, por mais entediadas que pareçam, como o do Presidente Juscelino. Vimos a sentinela no Palácio do Planalto imóvel durante duas horas, sujeito a ser fotografado por todos. Achei grotesco, impróprio e desumano. O palácio dos Senadores é melhor do que o dos deputados, mas não explica a corrupção nem o «mensalão». Digna de menção a igreja de Dom Bosco, na aparência discreta, com iluminação natural alberga belos vitrais azuis que merecem ser vistos. Toda em azul, nunca se vê a igreja da mesma maneira. De manhã, um azul claro, quase angelical. Ao meio-dia, mais vivo e no fim da tarde, um azul quase preto, dependendo do sol. À noite, quando o grande lustre se acende, bom é mágico. Deceção foi a catedral, de mãos erguidas, em obras de beneficiação pelo cinquentenário. Oculta em lonas brancas que lhe encapotavam a beleza e dificultavam imaginar a forma. Dizem que é demasiado quente para os fiéis, segundo o guia, satírico, que se não fartava de criticar o Lula da Silva, Presidente.

A cidade em forma de avião sem alma, bairros divididos em setores, um do governo autárquico, outro do federal, outro para farmácias, outros para compras, outro para. O metro vai para os subúrbios desfavorecidos e numa estação vimos pobres. Em todas as cidades, a riqueza paredes meias com a extrema pobreza, jantou-se rodízio, foi caro (60 reais por cabeça, 24€).

De manhã tomamos o «café da manhã», eufemismo para pequeno-almoço. Café é coisa que se não se consegue beber, em especial para os viciados em «expresso» ou «italianas». Já as colegas tinham saído na missão de salvar a língua na Galiza, ameaçada pelos castelhanos. O mundo desconhece essa guerra sem quartel. No palácio das Relações Exteriores, Itamaraty, em obras de beneficiação para o cinquentenário, acabáramos por fazer contactos com a delegação de Timor-Leste onde estavam, meus conhecidos, o Roque Rodrigues (ex-ministro e conselheiro do Presidente Ramos-Horta), e o reitor da UNTL, Benjamim Côte-Real.

28 março: domingo. Chegada a S. Paulo, visita e recepção pelo Diretor do

Museu da Língua Portuguesa. Afinal nem «van» no aeroporto, nem Diretor. Andamos às voltas com a bagagem, antes de deixar tudo no «guarda volumes», arrumar três carrinhas táxi e ir para o Museu. Começara a chuveirar. Duas e meia da tarde e ninguém almoçara. Nas traseiras da Estação da Luz, onde se encontra o Museu, deparamos com gente de aspeto dúbio, olhando para a estação de trem e encostada às paredes. Um policial disse que para comer era seguir em frente 200 m., na avenida nas traseiras, interdita ao trânsito, sem parar em lanhonete alguma, até um sítio que nos indicou. Ninguém se interrogou porque não parávamos em nenhuma das inúmeras tascas pejudas de travestis, mulheres de vida fácil ou difícil, drogados, bêbedos, mendigos e refugio da sociedade de consumo impiedosa. Comemos e bebemos numa lanhonete que parecia uma taberna típica do Portugal de 1950. Depois para o Museu, que o tempo urgia e havia o avião a não perder. Ainda fomos atrás em pânico, a correr, buscar a pasta com os bilhetes e documentação, esquecida sob a mesa da lanhonete... ninguém viu ou roubou. Na recepção, a guia pediu desculpa pois o Diretor ficara retido em Brasília e só chegaria ao final do dia. Estava lotado o Museu da Língua. É um espanto e dá largas à imaginação na preservação da cultura linguística que nos une. Além da parte informativa, o conteúdo lúdico atrai pessoas de todas as idades. Pensei se aconteceria em Portugal. Era para admirar por ser domingo e a entrada paga (4 reais: 1,5 euros). De lá retiramos as ideias necessárias para os nossos projetos de Museu (Lusofonia em Bragança e Açorianidade na Lagoa). Chovia a cântaros quando entramos nos táxis de regresso ao aeroporto, num congestionamento de trânsito memorável por 40 minutos, mas o motorista disse que dois dias antes demorara três horas...

Jantar num «self-service» do aeroporto, com vista para a pista, antes de ir para o Rio. Chegamos pelas 23 horas à Cidade Maravilhosa. Final e felizmente, estava à espera um magnífico «autopullman», ônibus privativo do Hotel Copacabana Mar, num dos distritos mais conhecidos. Dia agitado, acordámos em Brasília, almoçámos em São Paulo e dormíamos no Rio. Vida de político deve ser assim. A temperatura acima dos 30 °C, àquela hora, insuportável pelo excesso de humidade. Já em 1994, ali, suportei temperaturas de 35 °C e mais, com humidades próximas da saturação. A má recordação da comida brasileira de então seria dissipada com a boa comida que nos foi servida.

O horário era apertado: 29 março: 2ªª Rio de Janeiro: Almoço privado com o Presidente da Academia Brasileira de Letras, Marcos Vilaça, 14.00 Academia Brasileira Palestra Pública presidida pelo Presidente e Evanildo Bechara com Malaca Casteleiro (Academia das Ciências), Concha Rousia (Academia Galega) e Chrystello dos Colóquios. 18.00 Real Gabinete de Leitura, Isabel Rei deu recital e os Colóquios assinaram convénio com o Liceu Literário Português.

Dia 29, pelas oito e meia saímos do hotel (Malaca Casteleiro, Anabela Mimoso, João e Helena Chrystello, Vasco Pereira da Costa, Telmo Nunes e o transmontano Francisco Madruga, editor convidado), em busca de um ATM que desse dinheiro. Bancos havia muitos, mas dispostos a dar dinheiro poucos. Tivemos sorte no supermercado Pão de Açúcar numa máquina portátil, que não era o habitual buraco na parede.

Em frente ao Hotel Copacabana (os Rolling Stones deram ali um dos maiores concertos, 2008), o filho João foi dar um mergulho nas águas quentes, no que será, decerto, um momento alto nas memórias futuras. Quem sabe se não estaria a viver o melhor dia da juventude sem saber? Andamos quilómetros ao longo da marginal infundável. Regressei ao hotel para me aprontar para o almoço na Academia Brasileira de Letras. Na ABL momentos inolvidáveis, rodeado de «mortais que não imorriáveis», como diz o Bechara. Um aprendiz de feiticeiro no Olimpo com os Deuses. O Presidente, Marcos Vilaça, simpático, ofertou livros, a medalha comemorativa de Machado de Assis e um lauto almoço com um bolo de Pernambuco que é a réplica da bebinca de Macau. Vilaça presidiu à abertura da palestra, antes de ceder o lugar ao Bechara. Dezenas de jovens e académicos enchiam o auditório, na sessão de três horas que jamais esquecerei. Ofereceram um pagamento simbólico, mil reais, chamado «jeton», que atribuem aos académicos que ali vão. Senti-me o primeiro homem a andar no espaço sideral. Quando aterrar, avisarei. Depois do jantar abateu-se enorme tempestade, chuva torrencial e trovoadas altissonantes que nos impediu de regressar.

De manhã, rumo ao estado catarinense, visitas, seminários, palestras e sessões.

(Continua em próxima edição)

\*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713